

PARTE UM

APARECE O REBELDE

“Eu gostaria de me levantar da sepultura daqui a uns cem anos e dar uma olhada em como as pessoas estarão vivendo então.”

Dr. Alexander Blank, avô de Lenin

1

OS ULYANOV E OS BLANK

Em 10 de abril de 1870, o rio Volga — o rasgo natural dominante da cidade provinciana de Simbirsk, no Sudoeste da Rússia, e maior rio da Europa — mostrava os primeiros sinais da primavera. A temperatura havia subido até os 5° C. O largo campo de gelo que atravessava o canal entre as margens do rio começava a se elevar e a rachar. A primavera estava chegando, e a tão esperada mudança da estação provocava empolgação em todas as casas de Simbirsk, exceto em uma na Rua Streletskaya, onde um menino estava nascendo. Seus pais, Ilya e Maria Ulyanov, já tinham dois filhos, e a família inteira assistiu a seu batismo alguns dias depois, na Catedral de São Nicolau, onde o padre espargiu água sobre sua cabeça e o batizou como Vladimir Ilich Ulyanov. Os padrinhos foram Arseni Belokrysenko, contador no serviço público do Império e parceiro de xadrez de Ilya, e Natalya Aunovskaya, que era a mãe viúva de um dos colegas de Ilya.¹ Após o batismo, Ilya Ulyanov deixou São Petersburgo para assistir a uma conferência pedagógica e deixou Maria Alexandrovna se recuperando do parto com a ajuda da nova ama da família, Varvara Sarbatova. A vida na casa da rua Streletskaya voltou à normalidade.²

Vladimir Ilich Ulyanov entrou para os livros de História como Lenin, o principal pseudônimo que usava no movimento revolucionário russo. Foi também como Lenin que deu seu nome a um conjunto de doutrinas, o marxismo-leninismo. No entanto, quando sua cidade natal teve o nome mudado para homenageá-lo, em 1924, não passou a se chamar Leninsk, mas Ulyanovsk. E Ulyanovsk permanece até o dia de hoje.

No século XIX, havia uma idéia amplamente difundida de que lugares como Simbirsk eram locais sonolentos e de que movimento e empreendimento limitavam-se a São Petersburgo. Os viajantes estrangeiros tinham essa impressão. Muitos observadores russos — incluindo czares, ministros e intelectuais — pensavam assim também. A natureza estática do modo de vida provinciano

russo fazia parte da sabedoria convencional. Presumia-se que quanto mais longe uma cidade ficasse da capital, mais sonolento seria seu cenário urbano. Na verdade, as cidades das províncias russas eram tudo, menos sossegadas. Simbirsk, um porto do Volga a mil e seiscentos quilômetros da capital, era movimentada com a luta de seus habitantes a fim de ganhar dinheiro suficiente para sobreviver. Em seu ponto mais alto, a cidade se elevava a mil e quinhentos metros acima do nível da água. Mas a maior parte da cidade era baixa e comprida, estendendo-se por dezoito quilômetros ao longo da margem do rio. Os cais eram os pontos principais por onde os bens entravam ou saíam da cidade. A pesca era uma importante fonte de emprego urbano; o esturjão era a pesca principal. Simbirsk ficava ao longo da rota da Rússia central até o mar Cáspio. Os bateleiros, que eram os *burlaki*, imortalizados na *Canção dos Barqueiros do Volga*, impulsionavam as barcaças pesadas e de fundo chato rio acima e abaixo. Mal se pode dizer que houvesse alguma atividade fabril em grande escala. Umas poucas fábricas de roupa e a antiga Destilaria de Simbirsk eram até onde ia o desenvolvimento industrial da província. Embora o comércio com o Império Otomano e com a Pérsia estivesse crescendo, Simbirsk não era um centro econômico do nível de São Petersburgo e Moscou. Não havia metalúrgicas nem existia qualquer presença industrial estrangeira significativa. As construções eram principalmente de madeira, e havia muito poucos sinais do *panache* arquitetônico das capitais imperiais.

A agricultura camponesa era outro esteio da atividade econômica. Os camponeses vendiam seus produtos a atravessadores que tinham seus negócios estabelecidos em Simbirsk e nas outras cidades. O principal cultivo era o centeio. Batata, trigo, aveia e cevada também eram cultivados. Em 1861, ocorrera um forte abalo no modo tradicional de tratar os camponeses da província, quando o imperador Alexandre II proclamou uma Lei de Emancipação, libertando-os do controle pessoal exercido pela nobreza latifundiária. Mas a colonização da terra era particularmente desvantajosa para o campesinato de Simbirsk. O solo, na região do Volga, era tão fértil quanto qualquer outro na Rússia, e os nobres latifundiários se esforçavam para que apenas uma pequena proporção desse solo ficasse em mãos daqueles. E, assim, dificilmente os camponeses poderiam viver somente da agricultura. Muitos ganhavam a vida por meio de artesanatos variados. A província de Simbirsk era coberta de florestas, e o trabalho em madeira era um ofício e um negócio comuns. Carroças, rodas, trenós, pás e até utensílios domésticos eram bens de madeira, de produção local. Os mercados eram

vivazes e coloridos, e o maior deles era o Mercado Sbornaya, em Simbirsk, onde era possível comprar qualquer coisa fabricada na província.

De longe, a maior proporção de habitantes da província de Simbirsk — 88 por cento — era de membros da Igreja Ortodoxa Russa (e a proporção subia para 97 por cento quando se tratava da própria cidade de Simbirsk). Dois por cento eram classificados como “sectários” russos de vários tipos. Essa era a designação oficial para os cristãos russos que não aceitavam a autoridade da Igreja Ortodoxa; entre eles, incluíam-se os chamados Velhos Crentes, que haviam rejeitado as reformas na liturgia e no ritual impostos pelo czar Alexei, em meados do século XVII. Na província, também havia cristãos cuja fé derivava de fontes estrangeiras. Entre eles, luteranos e católicos. Havia também cerca de quatrocentos habitantes judeus. Mas o segundo maior grupo, logo após os cristãos ortodoxos, eram os muçulmanos, que constituíam nove por cento da população. Moravam principalmente nas aldeias da província de Simbirsk e eram variados em sua composição étnica; a maior parte deles era de *mordves**, chuvaches ou tártaros. Estavam ali havia séculos e eram, em geral, desprezados pelos russos como sendo seus inferiores coloniais. A importante Catedral de São Nicolau, no coração de Simbirsk, era uma lembrança arquitetônica de que os czares da velha Moscóvia** não apoiariam qualquer ameaça ao domínio russo na região do Volga.

E, no entanto, as autoridades centrais em São Petersburgo tiveram graves problemas para manter seu domínio sobre toda a região do Volga, e esses problemas não foram causados exclusivamente por não-russos. Os camponeses cristãos ortodoxos da província de Simbirsk haviam desempenhado um papel nas grandes revoltas contra os detentores do trono por Stenka Razin em 1670-1 e Yemelyan Pugachov em 1773-5. Conseqüentemente, tomou-se o cuidado de manter uma guarnição armada e equipada em Simbirsk, e a burocracia civil administrava a província no estilo autoritário que era característico do czarismo. O governador da província era pessoalmente indicado pelo imperador e recebia o poder de fazer praticamente qualquer coisa que julgasse adequada para impor a ordem.

Após a Lei de Emancipação, o imperador Alexander II introduziu uma reforma na administração local, pela qual conselhos provincianos — *zemstva* — eram eleitos para se encarregar das escolas, estradas, hospitais e instalações sanitárias. Essa era uma medida limitada, mas marcou uma importante ruptura

* Os habitantes da Mordóvia. (N. T.)

** O antigo principado de Moscou. (N. T.)

com o passado. No entanto, a província de Simbirsk era conhecida pelo tradicionalismo de sua elite social; era um dos chamados “ninhos da nobreza”. Todavia, até em Simbirsk havia entusiasmo entre os nobres latifundiários para aproveitar as novas oportunidades de autogestão. O *zemstvo* era uma colmeia de iniciativas movimentadas. A cidade tinha o seu próprio jornal, na forma do *Noticiário Provinciano de Simbirsk*, desde 1838 e, em 1876, o *zemstvo* provinciano deu início a sua própria publicação. A rede escolar também recebeu atenção. Os fundos para isso foram alocados de São Petersburgo. Por volta do final do século XIX, havia 944 escolas de variados tipos por toda a província. O pináculo desse sistema educacional era o Simbirsk Klassik Gimnazia (ou liceu, ou ginásio), que aceitava alunos de até dezessete anos de idade. Embora a Simbirsk faltasse uma universidade, a Universidade Imperial de Kazan ficava a apenas cento e noventa quilômetros ao norte.

Os habitantes de Simbirsk tinham realizações culturais a seu crédito. Um dos maiores historiadores da Rússia, Nicolai Karamzin, que morreu em 1826, viera da província. Da mesma forma, o escritor Ivan Goncharov, cujo romance *Oblomov* — publicado em forma de seriado nos anos 1850 — tornara-se um clássico literário europeu. Reconhecidamente, Simbirsk não era um centro de efervescência cultural e intelectual. A Biblioteca Pública Karamzin não tinha um estoque muito sortido e grande, e as livrarias eram poucas; lá, não existia círculo literário. Mas aqueles indivíduos que aspiravam a um papel na vida pública não ficavam incapacitados por terem sido criados ali. Pode até ter sido uma vantagem para eles. Muitos dos escritores, pensadores e políticos russos mais originais vieram de um meio provinciano. Esses intelectuais tiveram um benefício ao passar seus primeiros anos fora da atmosfera cultural claustrofóbica de São Petersburgo. Desenvolveram suas idéias sozinhos ou dentro de um grupo pequeno, protetor, estimulante, sem que a originalidade e a confiança lhes fossem arrancadas. Com freqüência, eram eles a atacar o conhecimento convencional da época e eram os inovadores do país — e não haveria pensador e político revolucionário mais inovador do que o homem que começara a vida em Simbirsk como Vladimir Ulyanov.

A família Ulyanov mudou-se para Simbirsk no outono de 1869, poucos meses antes do nascimento de Vladimir. O pai, cujo nome completo era Ilya Nikolaievich Ulyanov, havia sido nomeado Inspetor das Escolas Populares da província. Trouxe sua esposa grávida, Maria Alexandrovna Ulyanova, e seus dois filhos, Alexander e Anna, para a casa que alugariam da família Pribylovski, na rua Streletskaya.³ O posto de Ilya fora criado como parte do plano do governo

para uma rápida expansão da escolaridade em meados dos anos 1860. Imediatamente se tornou uma figura ilustre nos negócios da cidade e província de Simbirsk.

Ilya e Maria Ulyanov tinham uma formação heterogênea. As autoridades soviéticas tentariam manter em segredo o fato de que Maria era de linhagem em parte judaica. Seu avô paterno, Moshko Blank, era um judeu comerciante de vinho e bebidas em Starokonstantinov na província de Volynia, na fronteira ocidental do Império russo. Starokonstantinov era uma cidade pequena, e, na maioria, seus habitantes eram judeus. Moshko vivia em constantes conflitos com seus vizinhos, incluindo seu filho, Abel. Ele levou Abel aos tribunais, por agressão verbal e física.⁴ Mas o resultado surpreendeu. O juiz não acreditou em Moshko e foi condenado a pagar uma indenização, e não o filho. Em 1803, o próprio Moshko foi processado, quando seus vizinhos judeus moveram uma ação contra ele, acusando-o de roubar feno. Dois anos depois, foi acusado de vender vodca destilada ilegalmente. Em ambos os casos, foi considerado inocente. Mas, em 1808, sua sorte acabou, e ele passou vários meses na prisão por uma denúncia de incêndio criminoso. Acabou que ele se viu mais uma vez livre de culpa, e mudou-se com a família para a capital da província, Jitomir. No entanto, não esquecera a humilhação sofrida em Starokonstantinov. Em 1824, apelou para uma revisão judicial do caso de incêndio criminoso e conseguiu que as famílias que o haviam processado fossem obrigadas a pagar uma indenização. Moshko não era um homem com quem se pudesse brincar. Era uma característica que viria a ser partilhada por um de seus descendentes.⁵

Moshko Blank não era um judeu praticante. Seus pais não o haviam criado na observância da fé judaica, e ele não mandou seus próprios filhos para a escola judia local. Pela tradição, deveriam ter ido para o *heder* de Starokonstantinov para aprender hebraico e estudar a Torá. Em vez disso, Moshko os matriculou na nova escola estatal do distrito, onde seriam ensinados em russo. Quando a mulher de Moshko morreu, ele rompeu as ligações que restavam com a fé de seus ancestrais. Procurou o padre local e foi batizado como cristão ortodoxo.⁶

Talvez Mosho Blank tenha passado por uma experiência espiritual, mas pode ter tido um motivo mais material. A conversão ao cristianismo eliminaria obstáculos ao seu avanço social e econômico. Poucos judeus viveram no Império russo até as três partilhas de 1772-95, quando Áustria, Prússia e Rússia dividiram a Polônia entre si. O resultado foi que os czares adquiriram um grande número de súditos judeus. Catarina, a Grande, temia a impopularidade, caso permitisse que cruzassem a fronteira ocidental, uma vez que a hostilidade

religiosa e econômica para com os judeus era comum aos russos de todas as classes. Ela, então, emitiu um decreto, confinando-os a uma Reserva de Povoamento na região fronteiriça ocidental. Só uma proporção muito pequena de judeus ricos tinha permissão de viver fora da Reserva, e os judeus não podiam ascender à nobreza. A saída, para um judeu ambicioso e não praticante, era buscar a conversão ao cristianismo ortodoxo. Qualquer ex-judeu assim era automaticamente registrado como russo e via-se aliviado da carga da legislação discriminatória. Moshko Blank deve, sem dúvida, ter se sentido incomumente estorvado por seu *status* judeu, uma vez que, segundo ele mesmo disse, não tinha qualquer filiação religiosa ou educacional com o judaísmo.

No entanto, poucos apóstatas se comportaram tão agressivamente para com seus antigos correligionários como Moshko Blank, que escreveu ao Ministério do Interior sugerindo restrições adicionais contra os judeus. Ele propôs que os judeus fossem proibidos de vender comida não Kosher (que eles próprios não podiam comer) e de empregar os serviços de cristãos no *sabbath* judaico (quando os judeus não podiam realizar qualquer trabalho). Insistiu particularmente para que os hassídicos, a seita judaica fervorosa e mística, fossem proibidos de promover reuniões. A militância de Moshko foi extraordinária. Conclamou o Ministério do Interior a proibir os judeus em geral de rezar pela vinda do Messias e a obrigá-los a rezar pela saúde do imperador e sua família.⁷ Em suma, Moshko Blank era um anti-semita. Esta questão merece ênfase. Diversos autores contemporâneos na Rússia afirmaram que a formação judaica de Lenin predeterminava suas idéias e comportamento. Os autores em questão tendem a ter opiniões anti-semitas.⁸ Mas, ao tentar seguir uma agenda nacionalista russa, dando ênfase às ligações judaicas de Lenin, evadem o fato simples de que Moshko Blank era um inimigo do judaísmo e de que nenhum aspecto específico de formação judaica deles permaneceu importante para seus filhos.⁹

Os filhos de Moshko, Abel e Saul, copiavam-no em seu desejo de desfazer seus laços judeus. De fato, sofreram a conversão ao cristianismo antes de seu pai, Moshko, que os mandou para estudar na Academia Médico-Cirúrgica de São Petersburgo. Evidentemente, Moshko não guardou rancor contra Abel pelo violento conflito que os levou a se enfrentarem no tribunal em Jitomir. Abel e Saul estavam escolhendo uma carreira, em Medicina, que era atraente para muitos que aspiravam a subir da base da sociedade imperial. As “profissões liberais” ofereciam um caminho para a preeminência pública, por meio de competência técnica. Abel e Saul estudaram com afinco para se tornarem médicos em São Petersburgo. Em 1820, após tornarem público seu desejo de ser cristãos,

receberam o batismo na Catedral Samson, no bairro Vyborg, de São Petersburgo. Como era convencional, foram acompanhados por nobres russos que haviam concordado em ser seus padrinhos. Abel e Saul receberam nomes cristãos: Abel tornou-se Dmitri, enquanto Saul passou a ser Alexander. Um dos padrinhos foi o senador Dmitri Baranov, que realizou uma inspeção da província de Volynia para o governo imperial em 1820 e que ajudava ativamente jovens judeus que se convertiam ao cristianismo.¹⁰

Os irmãos Blank se formaram médicos. Na formatura, em 1824, Alexander (Saul) Blank iniciou a prática médica na província de Smolensk. A partir daí, parece ter progredido sozinho na carreira. Se manteve contato com o pai, há pouco sinal disso nos registros oficiais. Alexander era muito independente. E isso valia até na sua atitude para com os estudos. Enquanto estudava os manuais recomendados na Academia Médico-Cirúrgica de São Petersburgo, também estudava técnicas médicas não ortodoxas.¹¹

Alexander Blank casou-se com uma cristã, Anna Grosschopf, em 1829. Anna era uma luterana de São Petersburgo. Tinha ascendência alemã e sueca: seu pai, Johann Grosschopf, era um tabelião cuja família vinha de Lübeck, enquanto a mãe, Anna Estedt, era de formação sueca. De qualquer forma, ambos os genitores de Anna Grosschopf eram, havia muito, residentes em São Petersburgo.¹² Foi lá que ela conheceu e desposou Alexander Blank. Uma vez que seu noivo se tornara cristão ortodoxo russo, ela devia, pela lei imperial, adotar a fé de Alexander como pré-requisito ao casamento. Passou pelas formalidades, mas o fato de que viria a criar as filhas como luteranas mostra que não abandonou realmente sua fé original. Também se manteve leal a uma série de costumes ainda não adotados pela maioria dos russos. Os alemães, no Natal, arrumavam em casa um pinheiro decorado. Esse foi um costume que Anna passou a seus filhos e netos, que o encaravam como caracteristicamente “alemão”.¹³ Alexander Blank e Anna Grosschopf estavam se assimilando a uma identidade nacional russa, mas não levaram esse processo ao ponto extremo possível. Anna, em particular, guardou vestígios de seu passado ancestral; e Alexander, ao mesmo tempo em que relegava ao esquecimento seu passado judeu, não insistia para que a esposa renegasse sua própria herança.

Ao continuar fiel ao luteranismo, Anna estava infringindo a lei. Mas, na prática, as autoridades estatais só raramente forçavam cristãos ortodoxos a permanecer estritamente dentro dos limites da ortodoxia, e Alexander e Anna puderam continuar concentrados em se estabelecer na sociedade russa. Alexander, como médico, tinha uma carreira decente, mas nada espetacular. Passou de

cargo em cargo em São Petersburgo e nas províncias. Mas sua carreira não foi sem problemas. Em Perm, chocou-se com seus superiores profissionais e perdeu o emprego. Sua apelação contra esse tratamento não funcionou, mas acabou conseguindo ser nomeado inspetor médico dos hospitais em Zlatoust e recuperou sua reputação. Com esse último posto, automaticamente se tornou “conselheiro de Estado” e nobre hereditário.¹⁴

Mas a saúde de Anna era frágil, e ela morreu, antes dos quarenta, em 1838; deixou seis filhos. Havia um filho, Dmitri, e cinco filhas: Anna, Lyubov, Yekaterina, Maria (mãe de Lenin) e Sofia. Alexander Blank não tinha como enfrentar isso sozinho. Procurou ajuda junto à família da esposa, e uma de suas cunhadas, Yekaterina, concordou em tomar o lugar dela na criação das crianças. Yekaterina von Essen — *née* Grosschopf — era viúva. Alexander Blank tinha vários motivos para ficar satisfeito com a cunhada. Ela não só assumiu responsabilidade pelos sobrinhos, como também dispunha de um legado substancial e estava disposta a ajudar na compra da propriedade de Kokushkino, vinte e três quilômetros a nordeste da velha cidade de Kazan, no Volga (onde ela vivera com o agora falecido marido Konstantin).¹⁵ O último motivo é um tanto menos digno. Aparentemente, Alexander Blank e Yekaterina von Essen estavam vivendo juntos como marido e mulher após a morte de Anna Blank. Alexander requereu a licença para casar-se com ela sem divulgar às autoridades que Yekaterina era irmã de sua falecida esposa. Esse casamento era ilegal, como ele devia saber, e o requerimento foi indeferido. Mas Alexander e Yekaterina não interromperam sua ligação; permaneceram sob o mesmo teto até a morte de Yekaterina, em 1863.¹⁶

A família Blank residia em Kokushkino em 1848, e Alexander Blank, tendo se aposentado de seu trabalho médico em Penza, no ano anterior, tornou-se proprietário de terras com controle pessoal sobre as vidas de quarenta camponeses e suas famílias. Kokushkino tinha uma substancial mansão com dois andares e um andar mezanino. Haveria bastante lugar para todos os Blank. O menino Dmitri entrou para o Kazan Klassik Gimnazia, mas as cinco moças foram educadas no lar. A tia Yekaterina supervisionava tanto os estudos acadêmicos formais quanto o aprendizado musical, especialmente do piano; seus esforços foram suplementados com a contratação de professores que vinham de Kazan até a propriedade de Kokushkino. As meninas cresceram com conhecimentos de russo, alemão, francês e inglês. Tia Yekaterina era uma espécie de feitora muito exigente, mas suas sobrinhas viriam a agradecer o benefício educacional que receberam dela.

Quanto a Alexander Blank, tinha um interesse ardente por higiene, dieta e vestuário, e escreveu uma pequena brochura sobre as vantagens da “balneologia”.¹⁷ Esta era uma moda médica incluindo envolver pacientes em cobertas úmidas; a idéia era que ficar cercado de água ajudava a prevenir os males à saúde. Blank aplicou esse método em sua jovem família. Não gostava de ficar indicando remédios, a não ser em circunstâncias excepcionais, e insistia numa dieta simples: as meninas não podiam tomar chá ou café, exceto quando essas bebidas lhes eram servidas em visitas aos vizinhos. As crianças Blank tinham de usar roupas com os colarinhos abertos e mangas curtas, até mesmo no inverno.¹⁸ Tinham motivo para achar, na vida adulta, que haviam recebido uma criação idiossincrática.¹⁹ É verdade que seu pai também tinha senso de humor, mas suas brincadeiras, geralmente, eram feitas à custa de alguém. No primeiro de abril, por exemplo, andava pela casa fazendo brincadeiras. Em certa ocasião, enganou todo mundo, servindo neve seca e solta [a chamada “neve poeirenta”] nos pratos de jantar.²⁰ Mas, geralmente, ele e tia Yekaterina erraram por excesso de autoridade. Embora as meninas amassem o pai e a tia, sentiam mais do que um pouco de temor por eles.

O pequeno Dmitri era intensamente infeliz. Em 1850, pouco depois da mudança para Kokushkino, enquanto ainda era estudante, tentou cometer suicídio.²¹ O que, exatamente, o perturbava ainda não se sabe. Pode ser que a morte da mãe o tenha desequilibrado ou que algo o perturbasse em suas relações com o pai. Talvez se sentisse sob excessiva pressão de expectativas ou por parte de sua família ou de seus preceptores. Ou talvez fosse simplesmente vítima de algum mal psicológico.

No entanto, a vida, para as crianças Blank, era geralmente bem mais agradável do que para os camponeses da propriedade Kokushkino. Quando a Lei de Emancipação os libertou dos laços pessoais com o recém-chegado Dr. Blank, eles se recusaram a aceitar o máximo volume de terra que lhes estava disponível, uma vez que isso acarretaria terem de concordar em pagar-lhe uma compensação. Em vez disso, optaram pelo plano segundo o qual receberiam uma quantidade mínima de terra, mas sem ter de pagar nada. Nas propriedades vizinhas, os camponeses haviam aceitado a quantidade máxima em oferta, e o Dr. Blank, um homem alto e magro, com olhos escuros, pediu a seus camponeses que reconsiderassem. Previu-os de que mergulhariam na penúria se insistissem em sua decisão. Mas não confiaram nele. Provavelmente acreditaram nos boatos infundados que circulavam entre os camponeses descontentes de que a terra toda iria ser transferida, sem qualquer ônus, para aqueles que a cultivavam pes-

soalmente. Viriam a lamentar essa decisão. Mas, aí, já seria tarde demais: os Blank não concordaram em deixar que eles voltassem ao acordo original. A difícil condição da agricultura russa no século XIX era um tópico compreendido bem de perto pelos membros da família Blank — e eles não assumiam uma abordagem indulgente.

Maria Alexandrovna Blank nascera em São Petersburgo, em 1835. Seu marido, Ilya Nikolaievich Ulyanov, viera ao mundo quatro anos antes. Ilya pertencera a uma família comercial de Astracã, onde o rio Volga deságua no Mar Cáspio. Era o caçula de quatro filhos; seu irmão se chamava Vassili, e suas irmãs eram Maria e Fedosya. O pai deles, Nikolai Ulyanov, era alfaiate.²² Historiadores oficiais soviéticos afirmavam que os Ulyanov viviam em circunstâncias apertadas; mas nada há que o comprove. Nikolai Ulyanov morava numa casa de pedra com uma superestrutura de madeira, e seu negócio prosperava.

Embora os antecedentes étnicos e religiosos da família não sejam completamente claros, Nikolai provavelmente descendia de camponeses que chegaram a Astracã vindos da província de Nijni Novgorod, do alto Volga, no século XVIII. Originalmente, seu nome, ao que parece, não era Ulyanov, mas Ulyanin; tal mudança de ortografia era comum naquele tempo. A possibilidade de que tenham vindo da vizinha Nijni Novgorod, uma das maiores cidades da Rússia, deu origem à sugestão de que eles eram russos. É bem possível que fossem. Mas a província de Nijni Novgorod, tal como várias províncias da região do Volga, era habitada por uma mistura de grupos étnicos, e não se pode excluir a possibilidade de que os Ulyanov pertencessem a um dos grupos étnicos nativos conquistados pelos czares russos no século XVI. Assim, os Ulyanov podem ter sido chuvaches ou *mordves*. Ainda mais obscura é sua filiação religiosa. Se eram russos, devem ter sido cristãos ortodoxos; mas é igualmente concebível que pertencessem a uma ou outra das seitas cristãs locais. Se chuvaches ou *mordves*, podem ter sido pagãos ou muçulmanos, ou até cristãos convertidos. O que está acima de dúvida é que Nikolai Ulyanov — avô de Lenin — criou sua família como cristãos ortodoxos russos e fez que fossem educados em escolas russas.²³

Também ficou alguma incerteza sobre a identidade de sua avó de Astracã. Até o primeiro nome dela é problemático. De acordo com algumas fontes, era Alexandra, enquanto outras a dão como Anna. Não pode ser descartado que ela era russa de nascimento. Mas, com certeza, Maria, irmã de Lenin, estava convencida de que seus ancestrais de Astracã tinham um ingrediente tártaro em sua genealogia; e Maria podia ter em mente a avó, quando se referiu a isso. A maioria dos autores a dá como uma calmique, mas é concebível que fosse uma

kirgiz. Os calmiques eram um povo, na maior parte budista, vivendo nas regiões do extremo sul do império russo. Seus ancestrais eram as tribos nômades que haviam invadido as terras russas no século XIII, como a horda mongol. A maior parte dos calmiques e *kirgiz* que viviam em Astracã era de pobres; alguns, até escravos. Só uns poucos subiram à condição de comerciantes urbanos. Eram malvistas e menosprezados pelas autoridades russas como “asiáticos”.

Não obstante, a possibilidade de que ela fosse russa não deve ser posta de lado, já que os registros são bastante escassos e imprecisos. Continuam a existir mistérios. Mas gerações posteriores da família acreditam que um elemento não-russo (“tártaro”, no dizer de Anna Ilinichna Ulyanova) entrou na sua ancestralidade em Astracã, e é difícil acreditar que eles tenham inventado isso.²⁴ Alexandra era mais moça que Nikolai Ulyanov, que postergara casar-se até a meia-idade. De fato, ele, ao que se conta, comprou sua esposa de uma preeminente família de mercadores de Astracã. Isso deu força à especulação de que ela havia sido convertida ao cristianismo ortodoxo. Mas, na verdade, uma nuvem de desconhecimento cobre a questão. Um outro exemplo de conjectura é ainda mais peculiar. É o de que Nikolai Ulyanov já partilhava um sobrenome com sua noiva, Alexandra. Aventou-se a suspeita de que Nikolai e Alexandra tivessem um parentesco de sangue, e até bem próximo. Nada foi provado e, na ausência de documentos, provavelmente nunca o será. A única conclusão aceitável é a de que Lenin não podia pretender uma linhagem totalmente russa pelo lado do pai; de fato, é possível, mas de modo algum é certo que lhe faltasse “sangue” russo em ambos os lados da família.

E, no entanto, Nikolai e Alexandra, quaisquer que tenham sido suas origens, criaram sua família na cultura russa, na fé cristã ortodoxa e mandaram os meninos para escolas russas.²⁵ A família Ulyanov estava aproveitando as oportunidades de se estabelecer na baixa classe média da sociedade de Astracã. Sua ambição sobreviveu à morte de Nikolai, aos setenta e cinco anos, em 1838. O filho mais velho, Vassili, que nunca se casou, levou a sério suas responsabilidades de família, e pagou para que seu irmão Ilya — treze anos mais moço que ele — entrasse para o Gimnasia de Astracã e seguisse para a Universidade Imperial de Kazan, onde se formou em Matemática, em 1854. Após se formar, Ilya ocupou uma sucessão de cargos de ensino. Seu primeiro posto levou-o a Penza, onde trabalhou no Instituto da Pequena Nobreza. Foi lá que ele conheceu Maria Alexandrovna Blank, que estava hospedada com sua irmã, Anna, esposa do diretor do Instituto, I. D. Veretennikov.²⁶

O casamento de Ilya Nikolaievich Ulyanov e Maria Alexandrovna Blank foi celebrado em Penza, em agosto de 1863. Tinham em comum muitos interesses e uma atitude geral para com a vida. Em particular, tinham uma paixão comum por educação. Isso os uniu, apesar dos muitos contrastes em suas formações. Ilya filiou-se ao cristianismo ortodoxo, enquanto Maria era uma luterana não muito convicta. Ilya tinha uma base asiática, enquanto a de Maria era norteuropéia. Ilya era um homem do Volga. Passou sua vida inteira perto desse grande rio: em Astracã, Kazan, Penza, Nijni Novgorod e, finalmente, Simbirsk. Maria passou seus primeiros anos em São Petersburgo e na área ocidental do império russo. Enquanto os Ulyanov só recentemente haviam ficado mais à vontade em termos materiais, os Blank sempre o foram. Ilya era universitário formado; Maria fora educada somente em casa. Nenhuma dessas diferenças importava para eles. O que contava era seu empenho na educação. Quanto a isso, Maria era tão zelosa quanto Ilya; também estudou para professora, mesmo não tendo passado a ensinar numa escola. A educação era o foco central de suas vidas. Os Blank haviam sido criados assim. Não somente Maria, mas também duas de suas irmãs se casaram com professores que subiram na hierarquia da administração educacional. Ilya e Maria eram unidos por seu zelo e empenho, que transmitiram com sucesso à nova geração.

Ilya tinha interesses intelectuais fora da escolaridade. Era fascinado por meteorologia e publicou artigos eruditos baseados em suas observações científicas. Seus estudos na Universidade Imperial de Kazan lhe haviam aguçado o apetite intelectual. Registrava os ventos, a chuva, o sol e a umidade. Ilya Ulyanov era dedicado, como seus filhos também seriam, à investigação racional de seu meio ambiente. Para Ilya, o objeto de atenção era o clima; para seus rebentos, seria a política do império russo.

Embora Ilya fosse academicamente talentoso, Maria o superava em, pelo menos, um aspecto. Quando falava alemão, tinha problemas com seus *rr*, como se estivesse falando francês. (De fato, ele tinha o mesmo problema com a língua russa.) Os resultados deviam parecer cômicos aos ouvidos de seus alunos, na escola. Em certa ocasião, por exemplo, perguntou a alguns deles qual era a palavra alemã para “muito”. Um aluno respondeu “*sekh*”, com o som aspirado pesado da língua russa, em vez de *sehr*. Mas, quando Ilya tentou corrigi-lo, a emenda não foi muito melhor: “*sehl*”. Ilya fingiu não notar que a classe ria de sua pronúncia.²⁷ E, no entanto, simultaneamente, dizia a todo mundo que estava sempre em busca de padrões elevados. Seus padrões eram aplicados não só aos alunos, mas também aos professores. Nunca deixou de censurar qualquer

de seus *protégés* que não se mostrasse à altura de algum desafio. Mas os que tinham sucesso o encaravam com admiração e respeito e sentiam orgulho de serem chamados ulyanovitas (*ulyanovtsy*). As realizações de Ilya proporcionavam a ele e sua família preeminência e *status* em Simbirsk. Saía-se bem para a província.

Seu sucesso foi possível graças à eficiência de sua esposa no comando do lar dos Ulyanov. Ilya deixava para ela até o encargo de comprar-lhe seus ternos.²⁸ Embora fosse filho de alfaiate, Ilya não gostava de se incomodar experimentando roupas. Sua preocupação era com seu trabalho, e tudo mais era subordinado a isso. Em casa, Maria desfrutava de sua total confiança, e Ilya recebia dela um apoio irrestrito. Levavam uma existência consideravelmente isolada. Ilya gostava da ocasional partida de xadrez e de *whist**. Mas ele, para isso, só contava com o velho funcionário público e contador Arseni Belokrysenko — padrinho de seu filho Vladimir — como parceiro de xadrez;²⁹ e ele só jogava *whist* com os professores da cidade.³⁰ Maria Alexandrovna era ainda mais afastada da sociedade local. Poucos amigos vinham à casa da família na rua Streletskaya, mas ela raramente retribuía alguma visita. Ilya e Maria viajavam pela região do Volga no verão. Suas viagens, no entanto, eram sempre para encontrar membros de um lado ou outro de sua família. No caso de Ilya, elas o levavam a Astracã, no de Maria, a seus parentes em Stavropol e Kokushkino. Assim, os Ulyanov raramente se aventuravam fora do *milieu* proporcionado pela atividade profissional ou pela família. Nessa medida, eles permaneceram, apesar dos triunfos manifestos de Ilya, à margem da elite provinciana.

Parece que não ligavam muito para essa sua reclusão. Seu desejo não era tanto subir na hierarquia social da velha Rússia, quanto ajudar a construir uma nova Rússia. Concentravam sua esperança na carreira de Ilya e na educação de seus filhos e filhas. Os Ulyanov tiveram oito filhos em rápida sucessão. Primeiro veio Anna, em 1864. Então, dois anos depois, chegou Alexander. A esses seguiram-se Vladimir, em 1870, Olga, em 1871, Dmitri, em 1874, e Maria, em 1878. Esses não foram os únicos filhos do casal. Tinha havido também uma primeira Olga, em 1868, e um Nikolai, em 1873, que morreram, ambos, ainda bebês. Isso não era incomum naquele tempo, quando os tratamentos de saúde eram rudimentares, pelos padrões do século XX. De qualquer modo, essas mortes não desestimularam os Ulyanov de continuar a ampliar sua família.

* Tradicional jogo de cartas, parecido com o bridge. (N. T.)

Ilya não era muito falante e freqüentemente se fechava em seu estúdio quando estava em casa. Mostrava entusiasmo quando conversava sobre educação e vivia para o seu trabalho. Não aspirava aos elogios dos outros e era bastante avaro nos elogios às outras pessoas quando faziam um bom trabalho. De fato, tanto Ilya quanto Maria não eram chegados a demonstrações emocionais. Era preciso algo totalmente extraordinário para fazê-los exhibir seus sentimentos — quando a primeira Olga morreu ainda bebê, Ilya soluçou até não poder mais.³¹ Mas Ilya e Maria eram, de resto, indivíduos pacatos, sossegados. Quando jovens adultos, já pareciam de meia-idade. Ilya era tímido e envergonhado quanto a sua calvície prematura e tentava disfarçá-la escovando para a frente o que lhe restava de cabelo. No entanto, sua fervorosa ambição, como uma espécie de missionário cultural, era inconfundível; e ele e sua esposa, Maria — cuja calma interior era extraordinária —, eram um casal que impressionava a todos pelo seu devotamento à ilustração cultural.³²

O serviço de Ilya como Inspetor de Escolas Populares não era algo que pudesse desempenhar do seu estúdio na rua Streleskaya, de Simbirsk. Já no último ano de sua vida, havia 444 escolas primárias e mais de vinte mil alunos na província de Simbirsk.³³ Ele precisava viajar por uma área de mais de duzentos e cinquenta quilômetros quadrados, e era freqüente ter de afastar-se durante semanas seguidas. Ilya foi nomeado Inspetor apenas oito anos após a Lei de Emancipação de 1861; seu trabalho, nos primeiros anos, consistia não tanto na inspetoria de padrões pedagógicos quanto em supervisionar a construção de prédios adequados em locais apropriados. Isso exigia muita iniciativa. Tanto em cidades quanto em aldeias, ele tinha de garantir que as coisas estivessem sendo feitas num nível correto de eficiência e segurança. Da primavera ao início do outono, Ilya tomava uma tarantasse* para visitar as escolas provincianas. A tarantasse não era o veículo puxado a cavalos mais confortável que existia na época, uma vez que não tinha molas para servir de suspensão. Mas era resistente, e as estradas na província de Simbirsk eram primitivas. De qualquer forma, as coisas ficavam melhores para Ilya no inverno, quando podia viajar de trem. Independentemente da estação, no entanto, a energia que precisou despender no início e no meio de sua carreira foi extraordinária.

Os Ulyanov passavam seus verões na casa dos Blank em Kokushkino. Antes de Vladimir nascer, também fizeram uma viagem com seus filhos, Anna

* Uma forma de carruagem típica da Rússia, na época. (N. T.)

e Alexander, para visitar os parentes dos Ulyanov que ainda sobreviviam em Astracá. A mãe de Ilya, Alexandra, e um irmão mais velho ainda estavam vivos. Anna Ulyanova nunca se esquecera das exageradas demonstrações de afeto feitas a ela e a seu irmão Alexander. Era tão diferente daquilo a que ela estava acostumada em casa. Sua mãe, Maria, no entanto, desaprovava. Como tantas vezes acontece nas famílias, aplicava um regime de austeridade emocional a seus filhos, mesmo achando que seus próprios pais haviam sido excessivamente severos com ela e suas irmãs. Maria Alexandrovna também achava que seus filhos estavam sendo “estragados demais” por seus parentes de Astracá.³⁴ A viagem a Astracá não se repetiu e, quando os Ulyanov visitavam parentes, a partir de então, eram sempre os da família de Maria Alexandrovna.³⁵ O Dr. Blank ficou encantado em conhecer seu novo neto, Vladimir, que foi levado a Kokushkino com o resto da família no início do verão de 1870. O velho Dr. Blank não estava em casa quando o grupo chegou e teve de subir as escadas para encontrar Maria Alexandrovna. Esta o esperou orgulhosamente no patamar do alto com o bebê nos braços. Seu pai passou a fazer um exame médico em Vladimir e a perguntar sobre seu progresso.³⁶

Mas Vladimir não viria a ter qualquer lembrança do avô porque, em 17 de junho, o Dr. Blank morreu subitamente. A propriedade de Kokushkino passou à posse conjunta das filhas do velho, que a conservaram como um lugar para suas famílias poderem relaxar juntas nos meses de verão. Entre suas diversões, não se incluíam as obrigações de trabalhos manuais. Julho era o tempo em que a colheita era armazenada e quando os camponeses de Kokushkino tinham de trabalhar mais pesado se esfalfavam nos campos, onde lhes eram trazidas comida e bebida ao meio-dia; à noite, a música folclórica era cantada com entusiasmo. Esse ambiente era familiar aos Ulyanov visitantes, mas não tomavam parte. Estavam em férias. Estavam fugindo aos cuidados de sua existência urbana, mas recusavam-se a romantizar seu ambiente rural. A vida camponesa, para eles, não tinha muito apelo — e a desconfiança demonstrada pelos servos recém-emancipados para com o Dr. Blank não pode ter ajudado muito as coisas.

Nesse meio-tempo, Ilya Ulyanov subira ainda um pouco mais na sociedade. Em julho de 1874 foi promovido de Inspetor a Diretor das Escolas Populares da província de Simbirsk. Automaticamente, ele, com isso, emulava o Dr. Blank e tornava-se “conselheiro de Estado” e nobre hereditário, com o direito de ser chamado de “Sua Excelência”. As ausências de Ilya continuaram a ser frequentes e prolongadas, mas Maria era mais do que capaz de lidar com essa situação. Tal como outras famílias de classe média do período, os Ulyanov empregavam

uma cozinheira para aliviar a carga de Maria, e a babá Sarbatova cuidava das crianças, a partir de 1870. Trabalhadores eram contratados, também, quando a neve precisava ser retirada, e a lenha tinha de ser cortada. Os Ulyanov eram iguais a qualquer outra família de classe média.

Ilya e Maria eram também súditos leais de Alexander II e engajados nas reformas iniciadas com a Lei de Emancipação de 1861. Durante a Guerra Turco-Russa de 1877-8, Ilya, patrioticamente, recolheu contribuições voluntárias para o tratamento de soldados feridos.³⁷ Em compensação aceitou, com orgulho, as variadas recompensas, incluindo a Ordem de Stanislav (Primeira Classe), em janeiro de 1887, que foram conferidas em consideração a suas realizações profissionais. Ilya e Maria evitavam ter contato com qualquer pessoa que causasse problemas às autoridades, mas fizeram uma exceção quanto ao Dr. Alexander Kadyan, cujas opiniões políticas subversivas o haviam levado a um exílio administrativo em Simbirsk. Isso significava que ele era obrigado a permanecer dentro dos limites da cidade e ficar sob supervisão policial. Ilya e Maria travaram conhecimento com ele e lhe pediram para ser seu médico de família. O relacionamento, no entanto, permaneceu estritamente médico, e os Ulyanov escrupulosamente se recusavam a discutir com ele questões públicas. Durante os anos 1860, Ilya e Maria agiram na pressuposição de que uma linha de reformas oficiais seria seguida permanentemente no império russo e desestimulavam os filhos a demonstrar qualquer simpatia por idéias revolucionárias.

Se seus pais eram tão leais a seu soberano imperial, como podem ter exercido tanta influência no desenvolvimento do maior revolucionário do mundo? Essa pergunta é fácil de ser respondida. Qualquer memória substancial aponta na mesma direção. Os pais de Lenin e sua criação moldaram sua personalidade, e Ilya e Maria tiveram uma profunda e duradoura influência sobre cada um dos seus filhos. Deram a eles um modelo de dedicação. Trabalhavam duro e atribuíam um valor elevado à vida da mente. Aos filhos, transmitiram uma ardorosa ambição de sucesso. Ilya e Maria estavam meio dentro e meio fora da elite provinciana de Simbirsk. Naquela época, muitos indivíduos capazes e instruídos subiam às fileiras da pequena nobreza. O império russo estava em maré montante. Mudanças sociais em ampla escala ainda ocorriam. Teria sido surpreendente se, em tal sociedade, os Ulyanov tivessem sofrido assimilação completa em uma única geração. Fizeram um avanço maciço, mas ainda não haviam “chegado lá”. Esse *status* transicional não importava muito para Ilya e Maria na época. Sabiam lidar com as tensões.

Não foram fatores sociais, mas nacionais e étnicos que provocaram controvérsia. Os nacionalistas russos sempre afirmaram que a ideologia de Lenin era diretamente atribuível ao fato de que ele era alguém que tinha pouco sangue russo correndo em suas veias. O ingrediente judeu em sua linhagem é o objeto de atenção particular. Tal comentário é, em si mesmo, bastante xenofóbico, pois a etnia não é um fenômeno exclusivamente biológico; é também produzido e reproduzido pelos mecanismos de linguagem, educação e relações sociais e econômicas. O importante, a respeito de Ilya e Maria Ulyanov, é que eles pensavam, falavam e agiam como russos — e seus filhos também. Suas origens étnicas mal os afetavam em suas vidas cotidianas.

De fato, e de acordo com Anna Ilinichna, ela só ficou sabendo da origem judia do Dr. Blank em 1897, quando já tinha trinta e três anos. Isso aconteceu no decorrer de uma viagem à Suíça. Anna Ilinichna usava o sobrenome da mãe em viagens ao exterior,³⁸ e os estudantes suíços que conheceu perguntaram-lhe se ela era judia. Ficou surpresa de saber que quase todos os Blank suíços eram judeus. Anna Ilinichna pediu informações, possivelmente a sua mãe, e ficou sabendo que o avô delas, o Dr. Blank, era de origem judia. Muitos anos depois, na verdade, após a morte de Lenin, Anna Ilinichna ficou sabendo também, por uma amiga, que uma taça de prata que pertencera aos pais do Dr. Blank era de um tipo usado em festas religiosas judaicas.³⁹ Nem Anna nem suas irmãs ficaram desconcertadas com sua descoberta. Mas tampouco fizeram publicidade dela. Já sabiam que sua linhagem não era inteiramente russa, e talvez tenham acrescentado o ingrediente judeu à lista já existente. Pode ser que também tenha havido um certo grau de cautela. O anti-semitismo era muito difundido no império russo, e as jovens Ulyanov não devem ter visto motivo algum para se expor a problemas desnecessários na sociedade.

E, no entanto, Lenin, perto do fim da vida, viu vantagens em ter havido uma mistura cultural em sua herança russa. Encarava os judeus como uma “raça” especialmente talentosa (ou *plemya*, como ele dizia à moda russa, que era tão convencional) e se orgulhava do ingrediente judeu em sua linhagem. Como observou a sua irmã, Anna, ativistas judeus constituíam cerca de metade do número de revolucionários nas regiões mais ao sul do império russo. Segundo o escritor Maxim Gorki, Lenin comparava os russos desfavoravelmente aos judeus: “Lamento por aquelas pessoas que são inteligentes. Não temos muitas pessoas inteligentes. Somos um povo predominantemente talentoso, mas temos uma mentalidade preguiçosa. Um russo brilhante é quase sempre judeu ou uma pessoa com uma mistura de sangue judeu.”⁴⁰ Não obstante, essa não era

uma questão que ocupasse o primeiro plano de sua atenção. Talvez ele só tenha se dado conta dela depois que Anna Ilinichna começou a fazer suas investigações. Lenin, basicamente, pensava em si mesmo como um russo.

De fato, era menos o aspecto judaico do que o aspecto germânico da formação de sua mãe que continuava a exercer influência sobre a família. Maria Alexandrovna fazia suas devoções na igreja luterana local, enquanto seu marido comparecia aos serviços ortodoxos, tal como ela gostava de comemorar o Natal à moda alemã, enfeitando um pinheiro dentro de casa;⁴¹ e Lenin viria a marcar da mesma maneira a temporada, sempre que ele e a esposa tinham crianças entre seus convidados.

Os costumes natalinos alemães não eram o único elemento persistente na linhagem étnica da família. Havia também o forte ímpeto da cultura alemã e judia no sentido da educação e dos grandes feitos públicos. Os Blank tiveram bastante disso; e Ilya Ulyanov, vindo de uma origem não russa e aspirando a uma carreira elevada no império russo, reforçou o ímpeto: sabia que venceria por seus próprios méritos e qualificações ou não venceria em absoluto. Maria e Ilya eram semelhantes na busca de tratamento justo para os súditos do império russo que não eram russos. Nisso eles divergiam daqueles muitos de ascendência russa que adquiriram pronunciada antipatia para com não-russos que relutavam em se assimilar a uma identidade nacional russa. Assim, Ilya estava determinado a que não-russos devessem receber educação em sua língua natal. Era pragmático, tanto quanto um homem de princípios. Sabia como seria difícil, de outro modo, induzir os chuvaches a mandar os filhos para suas escolas, e, por isso, insistia que as crianças chuvaches na província de Simbirsk deveriam ser ensinadas não em russo, mas em chuvache. Esse melindre com outros grupos nacionais e étnicos foi passado para as crianças Ulyanov e foi algo que afligiu a mente de Lenin até o fim de sua vida.

Com isso, então, os Ulyanov eram russos de um tipo particular. Eram russos novos no sentido de que eram de linhagem étnica diversa, mas tinham se tornado russos. Embora Maria Alexandrovna mostrasse traços de suas origens alemãs, ela havia, em geral, se assimilado a uma identidade russa. Ilya Nikolaievich também havia posto de lado seu passado. Tanto Ilya quanto Maria tinham em si a ambição que costuma ser encontrada desproporcionalmente entre pessoas fazendo carreira no meio de uma sociedade com uma maioria nacional diferente. Vivendo à margem do Volga entre russos, os Ulyanov eram um pouco como imigrantes de primeira geração. Tinham um formidável empenho em vencer, e esse empenho foi passado adiante a sua prole. Além do

mais, eram seletivos quanto aos aspectos da cultura russa com os quais se identificavam. A “Velha Rússia” — a Rússia dos camponeses, dos costumes de aldeia, embriaguez, ignorância, governo arbitrário, deferência social e privilégio hereditário — em nada os atraía. Ilya e Maria queriam ver-se livres dessas antiquíssimas tradições. Associavam-se com a modernidade e queriam que a Rússia se tornasse mais afim com os países do Ocidente. Tinham a esperança de que as reformas dos anos 1860 transformassem a sociedade. Os Ulyanov acreditavam em Progresso, Esclarecimento, Ordem, Limpeza, Obediência, Hierarquia e Meticulosidade.

Sentiam-se, portanto, atraídos por tendências na Rússia contemporânea que enfatizavam o contato com a Europa. Todas as pessoas “progressistas” queriam aprender francês e alemão. Tal como outros nobres, os Ulyanov, às vezes, escorregavam do russo para o francês;⁴² talvez, em contraste com uma geração anterior de russos assim, eles meramente quisessem se comunicar sem que os criados soubessem o que estavam dizendo. Mas sua capacidade lingüística era, não obstante, considerável, como também suas inclinações musicais. Não eram todos os lares de Simbirsk que se interessavam pelas óperas de Richard Wagner.⁴³ Os Ulyanov, além de tudo, liam sobre os mais recentes desenvolvimentos artísticos, filosóficos e científicos da Europa. Ilya e Maria Ulyanov eram russos “cultos”; eram patriotas. Queriam construir uma sociedade “moderna”, “européia”, “ocidental” e “esclarecida”. Lenin foi bem filho de seus pais.